



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE  
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**DA LITERATURA PARA A SALA DE AULA:  
O MUNDO BRUXO DE ROWLING E O ENSINO DE HISTÓRIA**

**GUILHERME GRIESANG**

Foz do Iguaçu  
2021

**DA LITERATURA PARA A SALA DE AULA:  
O MUNDO BRUXO DE ROWLING E O ENSINO DE HISTÓRIA**

**GUILHERME GRIESANG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Endrica Geraldo

Foz do Iguaçu

2021

GUILHERME GRIESANG

**DA LITERATURA PARA A SALA DE AULA:  
O MUNDO BRUXO DE ROWLING E O ENSINO DE HISTÓRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Endrica Geraldo  
UNILA

---

Profa. Dra. Cristiane Checchia  
UNILA

---

Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva  
UNILA

Foz do Iguaçu, 07 de outubro de 2021.

## RESUMO

A saga Harry Potter, escrita pela autora britânica J.K Rowling entre os anos de 1997 e 2007, alcançou larga abrangência no público juvenil. Além disso, essas obras apresentam uma ampla diversidade de elementos que podem ser interpretados como referências a fenômenos e eventos históricos. Por essas razões, essa literatura possui grande potencial para o ensino de história, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, direcionado para jovens e adolescentes. O objetivo deste artigo é, em um primeiro momento, pensar o uso deste material como fonte histórica e pedagógica. Em seguida, propor possibilidades de abordagem especificamente a partir do último livro da saga “Harry Potter e as relíquias da morte”, para a discussão de temas como o autoritarismo e a discriminação.

**Palavras-chave:** Ensino de história; Harry Potter; Literatura ficcional.

## APRESENTAÇÃO

O objetivo deste artigo é contribuir para a ampliação de uma abordagem que não é recente entre historiadores, a relação entre literatura e história, mas pensadas especialmente para o ensino de história para jovens e adolescentes. Debruçados sobre a palavra “interdisciplinaridade”, que vem ganhando ênfase nos materiais inovadores que se destinam ao ensino, varios autores fazem a crítica do sistema básico de ensino, apontando que o mesmo tende a transformar as disciplinas educacionais em pequenas caixas separadas, que em nada condizem com as demais matérias (ZECHLINSKI, 2003). Essa organização que divide as disciplinas é tão superficial que até os alunos a enxergam, afinal não há como negar a proximidade dos assuntos curriculares, como por exemplo, a conexão entre sociologia, filosofia e história, sendo comum ao aluno utilizar o que aprendeu numa para efetivar o conhecimento da outra.

Esta proposta parte da escolha de um dos livros da famosa saga Harry Potter, o sétimo livro, intitulado “Harry Potter e as relíquias da morte”. Diversos fatores justificam esta escolha: primeiramente, a saga contém inúmeras referências a acontecimentos históricos, principalmente aos ocorridos durante o século XX e que envolvem governos autoritários ou considerados autoritários. Além disso, a autora descreve uma Inglaterra da década de 1990 na qual é possível perceber diversos aspectos da cultura e do cotidiano dessa população. Estes aspectos podem ser valiosos para o ensino e compreensão da história da vida privada inglesa no período:

O que pode fazer de Harry Potter singular, no entanto, é a maneira como a sua narrativa trata de questões históricas enquanto veículo literário de elevado alcance de público, e o enorme potencial referencial que a obra possui para ser trabalhado no ensino de História Contemporânea, entre outras. (MENEZES. V.H. PINTO. R. 2018. p.237).

O sétimo livro da saga é também o último. Portanto, é carregado por diversos conflitos, é nele que surgem diversas características alusivas especialmente ao governo nazista, com temas que variam entre a valorização da pureza de sangue até meios de controle da vida privada.

Ao cursar o ensino fundamental e médio atualmente no Brasil, os alunos possuem diversas matérias didáticas, entre elas as bem conhecidas matérias de história e português. Sendo que a primeira está focada no ensino da história global e nacional presente nos conteúdos curriculares, enquanto que a segunda está destinada para o aprendizado das regras gramáticas brasileiras e para o estudo da literatura. Nela, são

apresentados aos alunos diversos títulos de obras estrangeiras e nacionais assim como seus autores. A abordagem de ambas as disciplinas variam entre os professores, sendo complicado rastrear e observar os métodos individuais. O objetivo aqui é contribuir para a presença de uma perspectiva interdisciplinar no ensino de História, possibilitando experiências aos estudantes nas quais os trânsitos e diálogos com a literatura sejam vivenciados efetivamente.

Diferenças a parte, ninguém pode negar que a utilização da Literatura como fonte para a História enriquece muito os trabalhos, principalmente, quando esta experiência é levada para a sala de aula no ensino de História. Alguns profissionais já perceberam as contribuições que esta prática traz, tanto para os alunos como para os professores. Porém, esta prática requer certos cuidados, pois, é importante que o professor antes de introduzir a obra literária no ensino de História, saiba que esta é uma fonte, assim como qualquer outra, que deve ser questionada, para que as suas respostas possam preencher lacunas do conhecimento histórico. (SANTOS, 2008, P.8).

Durante minha graduação em história-licenciatura presenciei diferentes métodos e concepções de ensino, inclusive com o diálogo entre a história e a literatura. Entre as reflexões resultantes disso, destaque a problematização sobre em que medida uma obra literária pode ser trabalhada como fonte histórica. Dessa forma, pude repensar desde obras destinadas ao público infanto-juvenil, como Percy Jackson, até os mais sérios e reconhecidos romances europeus e brasileiros como José de Alencar. Pensou-se então sobre os impactos sociais que um livro poderia ter, sobre a construção do imaginário coletivo a partir do enredo ficcional, e como poderia, tal literatura ser utilizada como meio de referência para a comunidade que a lê. (LOPES. 2020), por exemplo, argumenta sobre o uso de padrões literários europeus para descrever povos nativo-americanos e suas consequências no imaginário coletivo dos leitores da época, que em suma eram caracterizados pela burguesia.

Tanto a história quanto a literatura tem como objeto final, como seu “produto” final uma narrativa. As duas (re)contam, narram. Falam sobre fatos, acontecimentos, sobre a realidade. Ambas têm personagens, tramas e enredo na urdidura de sua construção. A tessitura literária e a tessitura histórica muitas vezes se misturam, confundem-se, têm suas fronteiras muito próximas, de difícil delimitação e demarcação. (SILVA, 2007, P.2).

Para além das possíveis semelhanças no processo de construção das narrativas, consideramos aqui também a proposta apresentada por Said para uma releitura crítica do romance europeu oitocentista. Said destaca como o romance não apenas expressava, mas também contribuiu para difundir “sentimentos, atitudes e referências” relacionadas às concepções europeias sobre o resto do mundo (SAID, 2011, P.113). Assim, o uso de

obras literárias no ensino de História constitui uma abordagem válida e que pode vir a ajudar distintos educadores. Afinal, a literatura se destaca pelo interesse que desperta entre jovens e adolescentes e pela diversidade de temas e reflexões que podem ser explorados em sala de aula.

### **Literatura como fonte histórica**

Há ainda um gênero literário denominado “romance histórico”, que em sua definição é uma literatura ficcional voltada aos fatos reais. Um exemplo é o livro *Germinal*, de Émile Zola, que narra uma história baseada nos acontecimentos onde diversos trabalhadores mineiros, com preceitos socialistas e anarquistas, realizaram levantes e greves frente aos quadros de exploração do trabalho na Europa do século XIX. Este tipo de obra proporciona ao leitor a incrível experiência de compreender fatores históricos mínimos como, neste caso, o cotidiano particular dos trabalhadores que ocasionaram nas revoltas. Ainda que baseado em eventos reais, estas obras fazem uso da ficção com personagens, lugares e experiências românticas para atrair os leitores. Assim como Alencar em *Ubirajara*, o romance pode ser munido com acontecimentos heroicos, mas precisam ser trabalhados de forma crítica para explorar sua relação com o período e os acontecimentos em que foram produzidos ou a que se referem. Com base no estudo de Barros, Rezende afirma que:

...contextualizar o texto com o qual se trabalha é indispensável para elucidar o lugar em que foi produzido, seu estilo, sua linguagem, a história do autor, a sociedade que envolve e penetra o escritor e seu texto. A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do gênero de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas... (REZENDE. 2010. P. 96).

Desta forma, portanto, torna-se possível explorar de formas diversas as obras literárias, por meio da investigação sobre seu escritor, e observando de forma crítica a cultura inscrita na obra. Para isso, é necessário conhecer alguns aspectos literários como, por exemplo, em qual período o escritor o escreveu e qual segmento ideológico o mesmo está ligado, assim poderemos considerar com afinco a história contida na literatura e discernir em qual ponto esta dialoga com as pesquisas historiográficas propriamente. Entretanto deve ser destacado para aquele que pretende analisar historicamente uma

literatura, que é necessário analisar o enredo em conjunto com a análise sobre o autor, pois o movimento de escrita é mútuo e reflete intimamente o escritor assim como o autor concebe a obra, que pode ser melhor compreendido no decorrer da literatura.

No caso específico do já comentado *Germinal*, o autor precisou trabalhar dois meses em minas de carvão, se alimentando e vivendo como mineiro, para enfim criar o seu romance. De cunho naturalista, descreveu minuciosamente o cotidiano subalterno destes operários, além de ter sido escrito em período próximo aos acontecimentos que trata. Assim, a possibilidade de explorar a discussão dos elementos da obra em sala de aula, para o ensino de História, parece mais evidente.

Entretanto, nem todas as obras literárias apresentam um contexto histórico específico de forma tão evidente. Um ponto que pode nos auxiliar a compreender as referências culturais do autor, conhecido como crítica literária marxista, que partindo da dialética analisa as relações acerca da forma e conteúdo. Em seu contexto trata-se examinar a sua dinâmica, dois movimentos interdependentes, porém separados, onde o conteúdo fornece à forma sua característica que por vez apresenta seu conteúdo, sendo primeiramente conteúdo é histórica mutável.

“Las formas están históricamente determinadas por el tipo de contenido que tienen que encarnar; cambian, se transforman, son destruidas y revolucionadas cuando cambia el contenido. En este sentido, el contenido es previo a la forma, así como para el marxismo es el cambio en el contenido material de una sociedad, su modo de producción, lo que determina las formas de su superestructura.” (EAGLETON. 2013. P.66).

O conteúdo dimensiona, portanto, a forma, assim se determina o material artístico relacionado à estética, oriundo da particularidade do autor e sua interação social, caracterizado como fruto de sua intersubjetividade, uma vez que moldada pelo período histórico, e deste então a forma, e dela pode-se analisar o conteúdo, de modo inverso, pois ali se encontra seus elementos.

“Podríamos decir que la forma es siempre una unidad compleja de al menos tres elementos: se encuentra parcialmente configurada por una historia de las formas literarias “relativamente autónoma”; es una cristalización de determinadas estructuras ideológicas dominantes, como vimos en el caso de la novela; y, como veremos más adelante, encarna una serie específica de relaciones entre el autor y el público. La crítica marxista se dedica a analizar la unidad dialéctica entre estos tres elementos.” (EAGLETON. 2013. P.74).

O autor de uma obra escolhe, portanto, a forma na qual vai se inserir, determinando seu veículo de imagem que já carrega uma própria ideologia percursora. Deste modo toda literatura não se escapa de uma observação histórica ou cultural que



possa ser feita com uma análise minuciosa, até mesmo os infanto-juvenis mais fantasiosos como “Harry Potter” e “Percy Jackson” nos trazem diversos aspectos, como a cultura de comportamento dos adolescentes, vestimentas, e aspectos geográficos, dentre outros itens que nos remetem a visão dos autores.

Enquanto o primeiro nos proporciona uma viagem à Inglaterra, em que ao decorrer do enredo aparecem referências a eventos históricos como a ascensão do fascismo, o segundo nos leva para diversas regiões dos Estados Unidos, em que além de apresentar a mitologia grega aos leitores, também realiza fascinantes diálogos. Com a realidade, questionando, por exemplo, como seria o comportamento das criaturas e deuses em nossa modernidade. Desta forma, aborda diversos temas atuais como meio ambiente, depressão e outros transtornos, questões de gênero e étnico-raciais, sendo um livro bastante rico para adolescentes na atualidade. Além destes fatores, Rick Riordan, o autor da segunda saga comentada, apresenta cenários geograficamente reais, permitindo ao leitor um breve conhecimento sobre diversos locais dos Estados Unidos. Em alguns casos, como no último exemplo, a literatura pode contribuir para a construção do conhecimento em sala de aula por meio de uma experiência lúdica, agradável e potencialmente encantadora:

Na defesa de autonomização radical da literatura, lembrou-se que ela se objetiva na construção de uma totalidade artística, tendo como único paradigma o belo, e que a história, ao contrário, impõe-se através da confrontação do explicado (teoria) com o analisado (objeto). Já que constitui análise concreta de situação concreta. Na historiografia, a beleza é atributo excedente; na ficção, a veracidade não é sequer qualidade marginal. (MAESTRI. 2002. P.40).

Maestri pode declarar uma divisão entre história e literatura, ao apontar a beleza como aspecto superfluo à narrativa literária, desconsiderando a mesma como veículo historiográfico. Entretanto por meio de uma leitura aparentemente mais voltada para o entretenimento, por exemplo, é possível promover a observação de aspectos que contribuíram historicamente para o desenvolvimento do autoritarismo e seus impactos sobre a sociedade, no caso da saga de Potter, e neste rumo pode-se acrescentar o ensino de história, visando um material didático, simples e fluido.

Resta-nos, portanto, tentar compreender a partir de qual cenário J. K. Rowling escreveu a saga Harry Potter. Primeiramente, a década de 1990 e o início do século XXI determinam o final de um círculo de guerras ocorridas a nível global, como as guerras mundiais e a bipolarização da economia mundial. A autora descreve o cenário de seu país

(Inglaterra) durante a década de 1990. Durante seu período de escrita, o mundo e especificamente a Europa vivenciavam o fim da Guerra Fria, e os quase cinquenta anos desde sua Segunda Guerra mundial. Portanto, temos uma sociedade inglesa que possui uma diversidade de eventos e fenômenos relacionados a guerras, revoltas e formas autoritárias de poder.

No livro, destacamos a ascensão do personagem Gellert Grindewald. Segundo o enredo, essa ascensão ocorreu entre 1920-1945. Além disso, o pilar para o exercício do seu domínio foi a ideologia de que os bruxos seriam superiores frente aqueles que não possuíam capacidades mágicas. O bruxo deveria assim governá-los para seu bem maior. Essas referências podem ser interpretadas como indicativas das características relacionadas com a ascensão concreta do nazismo, também nas primeiras décadas do século XX.

Uma semelhança inegável entre Lorde Voldemort e Adolf Hitler fica em seus ideais de superioridade: o sangue puro. Na série de livros, assim como no terceiro Reich, diversas medidas foram tomadas pela “raça superior” na intenção de oprimir a “inferior”. Na saga literária, a “raça superior” eram os autodenominados Bruxos Puro-Sangue, cujos ancestrais são todos bruxos. Como consequência, bruxos com parentesco trouxa também estariam num nível mais baixo nessa hierarquia, qualificados como “mestiços”. (AMORIM, 2019, P.28)

Para algumas interpretações literárias, o personagem de Lorde Voldemort, que na obra aparece como posterior a Grindewald, mas não como seu sucessor, seria a personificação de Adolf Hitler. Este personagem representaria, assim, algo mais perverso do que a primeira referência autoritária. A verdade é que, neste ponto, a autora demonstra sempre haver um tratamento desigual dos bruxos, especialmente os puros sangues, frente os demais seres, indicando uma existência desta desigualdade ao longo do tempo e da história na saga. Portanto, mesmo que Gellert represente a primeira tentativa e chegada ao poder de uma organização autoritária e segregacionista, Voldemort representa o que há de mais radical, pois neste ponto se fala sobre perseguição e extermínio tanto de seus opositores quanto de grupos discriminados, como aqueles que não são puro sangue.

J. K. Rowling poderia então não estar se referindo ao poder Nazista quando relata as atrocidades do autoritarismo de Voldemort, que em cronologia começaria com sua jornada por poder e força em 1945, iniciando também sua campanha contra os não mágicos, e se reforçando até a década de 1970, onde o temor por tal vilão ofuscava os temores da sociedade sobre Grindewald, até 1980, quando Lorde Voldemort perde seus

poderes, encerrando assim a primeira guerra bruxa.

Em meados de 1995, o temível bruxo retorna à vida, e ascende novamente. Em 1997, ele domina o poder do ministério da magia, controlando politicamente as ações sobre aquele território mágico, até ser derrotado em 1998.

Como pode então, tal enredo ficcional, representar a particularidade de sua autora, sem representar diretamente um aspecto de sua vida, sabemos é claro que o enredo se passa no mesmo país que a de sua criadora, e que a época descrita também é correspondente, mas para além disto, de onde podemos retirar outras reflexões sobre sua escritora?

Cada texto tem seu gênio próprio, assim como cada região geográfica do mundo, com suas próprias experiências que se sobrepõem e suas histórias de conflitos que se entrelaçam. No que diz respeito à obra cultural, caberia fazer uma distinção entre particularidade e soberania (ou exclusividade hermética). Obviamente, nenhuma leitura deveria tentar generalizar a ponto de apagar a identidade de um texto, um autor ou um movimento particular. Da mesma forma, ela deveria admitir que o que era, ou parecia ser, certo para uma determinada obra ou autor pode ter se tornado discutível. (SAID, 2011, P.105).

Como apontado por Said, sua identidade corresponde a sua obra e a mesma à sua escritora, diretamente de sua individualidade, e a partir deste aspecto podemos especular sobre a gênese da obra. Algumas referências nos apontam que a autora pretendia escrever não sobre a história humana, mas sim se embasar na mesma para declarar os temores e consequências de ideologias raciais. O enredo demonstra a preocupação em conciliar o passado dos personagens com o presente narrado.

Então se falamos sobre a importância dada aos fatores históricos e sociais relacionados à obra, devemos reconhecer que a primeira guerra bruxa sinaliza a constância e os perigos que tais ideologias carregaram ao longo do tempo, e simula um ambiente hostil na qual se pode observar um governo autoritário e que persegue as minorias, o que pode nos dizer bastante sobre os intuitos da autora:

Os livros de Potter, em geral, são uma argumentação pela tolerância, uma declaração prolongada pelo fim da inveja e do extremismo, e eu acho que isso é uma das razões pelas quais algumas pessoas não gostam dos livros, mas eu acho que é uma mensagem muito saudável para se passar para os jovens, de que você deve questionar o governo e que você não deve presumir que o que está definido e o que a imprensa te diz são sempre verdades. (ROWLING, 2007.)

Em entrevista dada ao *The Leaky Cauldron*,<sup>1</sup> a autora comenta sobre suas perspectivas ao escrever a saga. Para Rowling, os livros passam uma mensagem única que é baseada em dar um basta às medidas extremistas, passando consequentemente

um discurso de tolerância e igualdade. Para embasar tal discurso, foi necessário estabelecer um enredo complexo e rico em referências que podem ser muito bem exploradas no ensino de história.

A obra também expressa muito sobre a sociedade na qual foi produzida. É comum nos depararmos com inúmeros costumes ingleses, que variam desde a organização política até a existência de pubs frequentada pelos personagens. Outros exemplos são costumeiros e narram a vida privada do cidadão inglês da década de 1990 e do início do segundo milênio.

O que seria possível encontrar em *Harry Potter*? Das escolhas de Orwell, algumas saltam a vista: o *pub* seria um bom exemplo inicial. Quando os alunos de Hogwarts, a escola de bruxos, a partir do terceiro ano, visitam a vila de Hogsmeade, um dos lugares prediletos dos alunos em seus passeios escolares, lá estão os *pubs*: o Três Vassouras, o mais visitado por eles, e, ainda, o Cabeça de javali... (MENEZES. V.H. PINTO. R. 2018. p.239).

Menezes demonstra neste trecho um dos aspectos do cotidiano inglês nas obras da saga Potter, e o faz utilizando os critérios de Orwell, o autor haveria ainda de somar outros atributos excedentes, como a presença do costumeiro e clássico ônibus londrino, demonstrando a diversidade de aspectos da cultura inglesa presentes no enredo.

## **O ensino de história a partir da ficção**

Constroem-se dois pontos precisos para se entender história a partir da escrita de um autor. Um deles deve entender a mensagem transcrita, percebendo as ideias e qual análise o criador transpassou para seu livro. O segundo deve compreender em qual momento o escritor escreve, e quais as perspectivas de sua sociedade e história são possíveis perceber em sua literatura. Como mencionado na apresentação, o sétimo livro da saga Harry Potter, com o subtítulo “As relíquias da morte”, está repleto de pormenores que podem ser discutidos em seus diálogos com a história, ressaltando que este material está sendo pensado para o ensino de história no ensino médio:

Ao levar este fenômeno literário e cultural moderno para a sala de aula, acreditamos ser possível que o professor de História do Ensino Básico e Médio torne a sua disciplina um tanto quanto mais atrativa, aproximando-a do cotidiano de seus alunos, que contribua ao incentivo da leitura e, ainda, que concilie a sua disciplina, de modo interdisciplinar, a outros campos de ensino como a Literatura e/ou Língua Portuguesa. (MENEZES. V.H. PINTO. R. 2018. p.237).

A saga Harry Potter, de autoria da britânica Joanne Rowling, é composta por sete

livros. A saga é responsável por obter grande sucesso e aceitação, principalmente entre o público infanto-juvenil. Estes livros, de caráter fantasioso, relatam uma sociedade além da humana comum, que convive com o mundo normal, porém à espreita. Este mundo “mágico” é composto por bruxos e outros seres mágicos, tais como elfos, gnomos, dragões entre outras criaturas fantásticas.

Os livros descrevem a adolescência do jovem Harry Potter. Entretanto, para além de seu personagem principal, a história descrita é ampla, contendo detalhes que ocorrem ao longo de séculos, colaborando com o desenvolvimento da consciência histórica no jovem leitor. O enredo é construído em torno de um vilão que adquiriu poder e controle sobre o mundo bruxo. Porém, ao se deparar com o ainda bebê Harry, o vilão chamado Voldemort, ao tentar feri-lo, acaba sendo destruído por uma magia desconhecida. A história presente trata então de uma Inglaterra livre deste ser maligno, que se faz assombrada pelo seu passado. Por fim, Voldemort ascende novamente, disseminando terror e desespero.

Voldemort, ou “aquele que não deve ser nomeado”, estabelece suas ideologias e é seguido por alguns membros mascarados da sociedade bruxa. Alguns desses membros são influentes e nobres, como os membros da família Malfoy, que escondem serem seguidores de tal ideologia. Seus princípios envolvem, sobretudo, uma concepção de pureza do sangue bruxo, que havia de ficar imundo quando mágicos tivessem filhos com humanos comuns. Estes seriam os então chamados de “sangue ruim”. Este exemplo pode ser notado em todos os livros da saga.

Ao longo dos sete livros, é possível observar primeiro o retorno do vilão, sendo seguido pela descrença de sua volta e presença. Em seguida, a ascensão pública do mesmo, que há de controlar as instâncias governamentais. Durante este governo, que é composto por um ministro da magia e demais ministros divididos por áreas, o vilão controla o ministro por meio da maldição *Imperius*. Portanto todos os demais ministros são seus adeptos e todas as áreas políticas, incluindo a grande escola de magia Hogwarts, estão sob esse controle. O Estado, enfim, responde unicamente a Voldemort, mostrando diversos indícios de um governo autoritário.

Dentre estas características, está o controle rígido sobre a população geral, a discriminação, marginalização e perseguição dos “sanguess ruins”, e a listagem de inimigos do governo, como é possível observar neste trecho:

*Segurança: RASTREADO. Todos os seus movimentos estão sendo monitorados.*

*Forte probabilidade que Indesejável nº1 o contate (hospedou-se com a família Weasley anteriormente).*

- Indesejável Número Um- murmurou Harry com seus botões ao repor a pasta do sr. Weasley e fechar a gaveta. Tinha ideia de que sabia quem seria e, com efeito, ao se erguer e correr o olhar pela sala à procura de outros esconderijos, viu na parede um pôster com sua imagem e as palavras INDESEJÁVEL N°1 gravadas no peito. (ROWLING, 2015, P. 189).

Este trecho relata o momento em que Harry encontra um arquivo, ao invadir o ministério da magia. Este arquivo continha listas e documentos que apresentavam nomes e condições daqueles que eram observados. A família Weasley não foi primeiramente perseguida por conta de sua pureza de sangue, pois como observado à pureza de sangue é um item favorável no arquivo. No entanto, posteriormente estes foram perseguidos por seu alinhamento político. No arquivo também aparece a listagem de perseguidos, começando pelo garoto Potter, o Indesejável número um, também há uma grande divulgação por meio de pôsteres, e também em jornais.

Outras características que parecem representar governos ditatoriais também aparecem, como o controle do cotidiano comum por meio de vigílias, toques de recolher, e a presença de uma força armada correspondente ao ditador, as medidas tomadas por estas forças podem variar entre torturas, morte ou prisão, como é possível perceber no dialogo abaixo:

- O toque de recolher foi violado, você ouviu o barulho- disse um dos seus colegas ao barman. - Alguém estava na rua contrariando o regulamento...
- Se eu quiser pôr meu gato para fora, porei, e dane-se o seu toque de recolher!
- Você disparou o Feitiço Miadura?
- E se disparei? Vai me mandar para Azkaban? Me matar por meter o nariz fora da minha própria porta? Então faça isso, se é o que quer! Mas espero, para seu bem, que não tenham tocado na Marca Negra para convocá-lo. Ele não vai gostar de ser chamado para ver a mim e o meu velho gato, ou será que vai? (ROWLING, 2015, P.406-407.)

Esta passagem ocorre no vilarejo de Hogsmeade, onde o Barman é morador local abriga Potter, e confronta a força ditatorial chamada de Comensais da morte. Aqui podemos perceber os meios de controle utilizados para reprimir o povo. Azkaban, por sua vez, é uma prisão de segurança máxima, onde seus carcereiros são Dementadores, isto é, criaturas que trazem infelicidade simplesmente por sua presença. Estes seres se alimentam da alma e felicidade de seus prisioneiros, deixando-os loucos após certo tempo. Este detalhe pode ser relacionado às violências e torturas das prisões autoritárias:

O elaborado aparato de policiamento e repressão do Terceiro Reich era direcionado em primeiro lugar à caça e captura dos inimigos do nazismo dentro da Alemanha. Uma oposição organizada ao nazismo foi oferecida apenas pelos comunistas e social-democratas nos anos iniciais da ditadura. Os partidos políticos de esquerda haviam conquistado 13,1 milhões de votos na última eleição plenamente livre da Alemanha, em novembro de 1932, contra os 11,7 milhões dos nazistas. Eles representavam uma enorme fatia do eleitorado alemão. Contudo, não possuíam meios efetivos de fazer frente à violência nazista. todo o seu aparato, junto com o das alas paramilitares- a Liga dos Combatentes da Frente Vermelha e a Reichsbanner- e organizações associadas com os sindicatos, foi implacavelmente varrido nos primeiros meses de 1933, seus líderes foram exilados ou aprisionados, seus milhões de membros e defensores, muitos deles rememorando o comprometimento de uma vida inteira com a causa, ficaram isolados e desorientados. Ex-ativistas foram colocados sob vigilância mais ou menos permanente, espionados, com a correspondência e os contatos monitorados. Divididos, mutuamente hostis e pegos de surpresa pela velocidade e crueldade da tomada nazista do poder, de início ficaram impotentes e sem saber como agir. Reorganizar-se para formar um movimento de resistência efetivo parecia fora de questão. (EVANS, 2011, P.48).

Esta descrição apresentada por Evans pode nos direcionar e apontar diversas abordagens que podem ser feitas utilizando os livros que compõem a saga de Harry Potter. Neste caso, especificamente o sétimo livro, é possível abordar os meios utilizados pelo Estado Nazista, subtema este pouco falado no ensino curricular brasileiro. Isso pode contribuir para a compreensão sobre como os nazistas conquistaram tamanho poder e popularidade, unidade e aprovação do povo alemão. Assim como a eliminação da oposição e dos dissidentes.

É possível afirmar que quando J.K Rowling escreveu essa obra, ela visava outra perspectiva: Voldemort, o vilão, já havia tomado o poder anteriormente e já espalhava todo seu poder e concepção de mundo, porém foi dado como morto. Durante o intervalo que sucede seu desaparecimento e antecede seu retorno, a sociedade temeu o seu passado. Mesmo que não houvesse perspectiva ou temor de sua volta, havia credices e poucos ousavam citar seu nome, deixando claras as marcas da memória recente. Através disso pode ser muito útil em sala de aula apresentar os conceitos de memória coletiva e passado recente, uma vez que todos os livros debatem uma comunidade que sofreu um grande e aterrorizante episódio histórico.

Contudo, quando o vilão retorna, o faz de modo furtivo, sendo poucas pessoas a saberem de sua volta, entre eles Harry, que é dado como louco ao tentar avisar sobre seu regresso. Portanto, ocorre uma pequena divisão entre aqueles que acreditam no garoto e se preparam para o pior, e aqueles que o consideram até mesmo perigoso. A respeito deste retorno, podemos questionar a obra também como um anseio da autora e talvez da sociedade inglesa do final do século XX, como um temor a respeito da continuidade ou do

retorno dos ideais e dos métodos nazistas. Pode se tratar de um temor sobre o retorno da ameaça de domínio por um governo autoritário:

Os temas são ricos, profícuos, necessários, mas exigem adaptações que só podem ser feitas pelo educador ou pela educadora bem preparado/a para a condução do ensino de História. Não há temas proibidos. O que há, de fato, são temas que devem ser bem organizados e apresentados com as ferramentas e com o rigor didáticos para os quais o professor e a professora de história do ensino básico e fundamental deve estar preparado/a. (MENEZES. V.H. PINTO. R. 2018. p.243)

O professor pode então buscar compreender sobre a autora e o contexto em que a obra foi produzida. Pode então trabalhar em sala de aula com reflexões sobre as representações, valores e referências que trazemos ao produzir uma obra de ficção, sendo ressaltado por Menezes, a atenção com qual a obra deve ser trabalhada, por conter sua diversidade de referências históricas e também por ser um material rápido de se ler, no qual é possível deixar passar fatores que alterariam seu propósito.

Deste modo é relevante observar e ressaltar, quando utilizar livros ficcionais como fonte de ensino em ambientes escolares, que o enredo contém um pouco da história e cultura de seu próprio autor, assim com seus anseios íntimos. No caso de Harry Potter, o temor frente o retorno dos ideais autoritários e/ou nazistas, e principalmente sobre ter consciência de nosso passado, acreditando que isto resulte numa sociedade cada vez mais tolerante e democrática:

Em tempos de revisionismo histórico, talvez as semelhanças da ficção com a realidade possam, porventura, criar nas gerações mais jovens, cada vez mais afastadas dos acontecimentos, a empatia necessária para compreender os horrores do antissemitismo, ou mesmo do preconceito em geral. (AMORIM. 2019. P.33).

Portanto apresentar aos jovens literaturas que possam contribuir para a apreensão e o entendimento de fenômenos, ideias, práticas e eventos históricos trabalhados em sala de aula, tratando as transformações ao longo do tempo como um processo dinâmico e compreensível, e ao mesmo tempo contribuindo para combater preconceitos como o antissemitismo ou qualquer nível de discriminação. Portanto a obra é um meio eficaz de transmitir o sentimento, a apreensão, o pavor, características da organização política, e os horrores que podem ser causados por uma ideologia autoritária e violenta.

## **Considerações finais**

A literatura, contendo sua estrutura e enredo, forjados num ambiente social e num determinado tempo, caracteriza também um veículo viável de referências, que pode ter



um grande êxito no ensino juvenil. Se trabalhar com temas como o nazismo em sala de aula pode ser difícil e pouco atrativo, o uso de outros materiais que despertam interesse e curiosidade entre os jovens é de grande valor. Vários aspectos podem resultar de uma comparação ou diálogo entre a produção historiográfica e a narrativa ficcional. O professor pode ter, além de discentes mais interessados na fonte e na disciplina, indivíduos com uma compreensão mais profunda sobre a temática. Debates e análises a partir da saga de Harry Potter, portanto, podem contribuir para a formação de indivíduos com consciência histórica relevante, que compreendem os métodos e sabem reconhecer formas de abuso de poder e injustiças sociais. E talvez ainda possam se tornar, inclusive em sala de aula, mais tolerantes.

#### REFERÊNCIAS:

AMORIM, Jaqueline B. de. **A marca negra e a suástica**: As aproximações entre Voldemort e Hitler. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unisul. Tubarão, SC. 2019.

EAGLETON, Terry. **Marxismo y crítica literária**. Buenos aires- Barcelona- México, Editora Paidós, 2013.

EVANS, Richard J. **O Terceiro Reich no poder**. Tradução Lúcia Brito. 1 ed. São Paulo, editora Planeta do Brasil, 2011.

LOPES, Job; GRIESANG, Guilherme. História e literatura: A imagem da indígena em Ubirajara. **Revista eletrônica dos Hispanistas brasileiros**. Vol. XXI. N.81. Abril-maio-junho 2020. Disponível em <http://www.hispanista.com.br/Rostos/rosto81.htm> .

HERRERA, Amílcar. “Desarrollo, tecnología y medio ambiente”, **Conferencia el Primer seminario Internacional sobre Tecnologías Adecuadas en Nutrición y Vivienda**, PNUMA, México. 29 de setembro de 2009.

ROWLING, J. K., Carnegie Hall, 2007. The Leaky Cauldron, 19 de outubro de 2007. Tradução do site Potterish.

MAESTRI, Mário. História e romance histórico: fronteiras. **Novos Rumos**, Ano. 17, N.36, 2002.

MENEZES. V.H. PINTO. R. As possibilidades de utilização dos livros de Harry Potter no

ensino de história. In: BUENO. A. (Org.). **Aprendizagens Históricas: debates e opiniões**. União da Vitória/RJ. LAPHIS. 2018. P. 236-245.

REZENDE, Valdeci Borges. História e literatura: algumas considerações. **Revista de teoria da História**, Goiás, Ano 1, Número 3, P.94-109, junho/ 2010.

SAID, Edward W. Cultura e imperialismo; tradução Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras. 2011.

SANTOS, A. F. ; SIMON, C. B. . **A literatura no ensino de história**: 30 anos de pesquisas. in: VII SEPECH - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS. Londrina: Eduel, 2008. v. 1.

SILVA, Cristiano C. G. Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. **Fênix-revista de história e estudos culturais**, Uberlândia, V.4, N.4. outubro/novembro/dezembro, 2007.

ROWLING, Joanne K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**; ilustrações de Mary GrandPré; tradução de Lia Wyler. 1ªEd. Rio de Janeiro, editora Rocco, 2015

ZECHLINSKI, B. P. História e literatura: questões interdisciplinares. **História em Revista**. Pelotas, RS. Vol.9. 2003. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/issue/view/657/showToc>. Acesso em: 01 out. 2021.